



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1367

ARREPENDEI-VOS, POIS O FIM ESTÁ PRÓXIMO: MESSIANISMO, MILENARISMO E AS ANGÚSTIAS DOS MEDOS ESCATOLÓGICOS EM PORTUGAL (SÉCULOS XV E XVI)

Saulo Henrique Justiniano Silva
(LEIP-UEM/ Faculdade Alvorada)

Resumo: Os séculos que sucederam a Peste Negra foram marcados por um sentimento descrito por Jean Delumeau como os tempos da “angústia escatológica”. As transformações, que vão além das mazelas proporcionadas pelas epidemias, deram vazão às sucessivas interpretações dos acontecimentos reais como predecessores dos últimos tempos. Em Portugal, a conversão forçada, somado a difusão da cabala, floresceu entre os antigos judeus, ideais que viam aquele momento como as dores do parto da “Era Messiânica” previsto nas escrituras sagradas. Entre os cristãos lusitanos a crença largamente difundida pela Igreja sobre os temores do ano mil, baseados nos textos bíblicos, foram enormemente repetidas. Também existia, como lembra-nos Luís Filipe Tomaz, o sentimento de que D. Manuel I era o monarca escolhido por Deus para expandir a fé cristã para o mundo e tornar Portugal no Quinto Império que antecederia a volta de Cristo. Para além da Península Ibérica, havia um cenário europeu que propiciava a ideia de que aqueles eram os tempos derradeiros. O objetivo deste trabalho é mapear as ondas escatológicas em Portugal, ligadas às ideias messiânicas, no caso cristão-novo e milenarista, no caso católico.

Palavras-chave: Idade Moderna; Portugal; Angústia Escatológica.

Introdução

Os anos que sucederam a grande peste foram marcados por um sentimento descrito por Jean Delumeau (2009) como “angustia escatológica”. As transformações, que vão além das mazelas proporcionadas pelas

epidemias, deram vazão a sucessivas interpretações dos acontecimentos reais como predecessores dos últimos tempos.

A segunda metade do século XIV, assistiu a ascensão do forte medo escatológico que estava ligada à difusão da Peste Negra e também dos problemas relacionados ao grande cisma que dividiu a cristandade ocidental entre Avignon e Roma, colocando em xeque a legitimidade entre a massa de excomungados de ambos os lados.

Temos também nestes tempos a Guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra, no início, impulsionada por disputas sucessórias ao trono francês, depois acentuada pela dominação da rica região de Flandres. São desse período, as revoltas populares, ocasionadas nas regiões onde se instalaram os conflitos da guerra em questão, pelos altos impostos cobrados para a manutenção do conflito.

A arte contribuiu em grande medida para o reforço da ideia do medo escatológico, como observou Galienne Francastel, citado por Jean Delumeau (2009) em sua *História do Medo no Ocidente*:

Em toda a Europa do século XIV, a ilustração do Apocalipse é um grande tema em moda. Começando como tantos outros, na escultura monumental francesa (...), estende-se progressivamente à miniatura, ao retábulo e ao afresco. Atinge seu apogeu de difusão no século XIV (p. 323).

O cenário em prol do medo no ocidente europeu se estendeu para além do século XIV, adentrando o XV e chegando ao ápice no início do século XVI, isto graças aos novos rumos que a história europeia tomou. Ernest Mâle, também citado por Delumeau (2009), exprime a ideia de que:

As ameaças do Apocalipse nunca preocuparam tanto as almas (...). Os últimos anos do século XV e os primeiros anos do XVI indicam um dos momentos da história em que o Apocalipse apoderou-se mais fortemente da imaginação dos homens (p.304).

Em grande medida, é natural pensar que estes medos tiveram íntima relação com a crescente perda de poder da Igreja e dos conflitos no interior da cristandade, ocasionados pelas lutas por tronos dos monarcas que, no

momento em questão, asseguravam uma autonomia em relação ao poder papal proporcionado pela centralização do poder político dos reis, que a historiografia convencionou chamar de Estado Absolutista, pela Reforma Protestante liderada pelo monge agostiniano Martinho Lutero e, principalmente, pelo avanço dos Otomanos, que em 1453 já tinham tomado um dos maiores símbolos da cristandade, a cidade de Constantinopla, capital do Império Bizantino.

Em finais do século XV, frei Francesco Meleto escreveu que “os judeus converter-se-ão em 1517” (MELETO apud DELUMEAU, 2009, p. 327) e ainda assegura que:

Três sinais anunciarão a próxima vinda do anticristo: a queda do rei da França, a de Frederico de Aragão e um novo cisma na Igreja com a instalação de um antipapa pelo imperador. Roma sofrerá os piores tormentos (MELETO apud DELUMEAU, 2009, p. 328).

O pensamento do frei Meleto encontrou ecos no século XVI, mas, vale levar em consideração que os textos religiosos são polissêmicos, ou seja, neles cabem diversas interpretações. A leitura do Frei fez sentido, quando na Península Ibérica, os judeus se viram obrigados a se converter para evitar a perseguição imposta pelos tribunais inquisitoriais em Aragão e Castela, ou ainda no batismo foçado (LIPINER, 1993), pelos quais os sefarditas lusitanos passaram em 1497, na corte do monarca D. Manuel I, o venturoso, ou até, no movimento, que não deixa de ser cismático, liderado por Martinho Lutero.

Quanto aos judeus a ideia de um Messias redentor que colocaria fim ao curso da história é recorrente em seu pensamento religioso. É deles, depois assumido pelo cristianismo, a explicação teleológica da história.

A evolução, culminada na redenção do povo de Israel no caso judaico, ou mesmo na coroa real do salvador no caso do cristianismo, surge a partir dos escritos proféticos de Isaías e Daniel.

No caso judaico, a aparição do Messias é um acontecimento no curso progressivo da história. Neste aspecto, ele virá na medida em que a história avança e, fatalmente, remirá o povo escolhido e destruirá os opressores do povo de Deus.

É fato que a grande diferenciação entre o Mashiach judaico e o Cristo dos cristãos é que para o judaísmo “o messianismo é uma ocorrência histórica situada no exterior” e no caso do cristianismo o “conceito messiânico passou da arena da História para o nível da psicologia” (NOVINSKY, 1998, p.71), portanto, é evidente que a dimensão judaica da ação messiânica se coloca de forma política e ativa no campo terreno:

Naquele dia, levantarei a tenda desmoronada de Davi repararei as suas brechas, levantarei as suas ruínas e a reconstruirei como nos dias antigos. (...) Mudarei o destino de meu povo, Israel; eles reconstruirão as cidades devastadas e as habitarão, plantarão vinhas e beberão o seu vinho, cultivarão pomares e comerão os seus frutos. Eu os plantarei em sua terra e não serão mais arrancadas de sua terra, que eu lhes dei, disse Iahweh teu Deus. (Amós 9, 11- 14 e 15)

Já para o cristão, a remissão proporcionada pelo messias é de caráter subjetivo e de ação mental, para além das questões terrenas: “Jesus respondeu: Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui” (João 18, 36).

No caso judaico, a figura messiânica anda de forma interligada à descendência davídica. O descendente de Davi virá e restaurará a glória de seu ancestral. Além do que, segundo a tradição bíblica, foi com o filho de Jessé e com toda sua descendência que Deus fez aliança, um pacto de lealdade, por isso, cabe a um filho de Davi a tarefa redentora, como relatado no livro de Jeremias: “Dias virão - oráculo do Senhor - em que farei brotar de Davi um rebento justo que será rei e governará com sabedoria e exercerá na terra o direito e a equidade” (Jeremias, 23,5), ou ainda: “Nesses dias e nesses tempos farei nascer de Davi um rebento justo que exercerá o direito e a equidade na terra” (Jeremias 33,15).

A questão do aparecimento de um Messias ou de um ideal messiânico está intimamente ligada com o movimento cíclico que a religião judaica assumiu em relação aos diversos momentos de sua história. O afastamento de Deus e o sofrimento causado representará o cenário para o advento de tais tendências que se repetirá ao longo da história (FERRO TAVARES, 1991).

Por isso, o reino messiânico se faria presente em um momento específico, em que o povo de Deus estivesse passando por grandes tribulações.

O período proposto para a análise foi um dos momentos históricos em que as esperanças messiânicas floresceram entre os sefarditas, acreditava-se a partir de cálculos cabalísticos que a consolação do povo de Israel estava próxima. A cabala, doutrina mística judaica, foi combustível propulsor para a crença que buscava compreender aquele momento como o advento da era messiânica.

A palavra cabala que se traduz do hebraico bíblico como tradição, surgiu em meados do século XII como uma doutrina esotérica a parte do judaísmo tradicional, segundo Lúcia Liba Mucznik (2009):

A expulsão da Espanha, em 1492, e a conversão forçada dos judeus em Portugal, em 1497, trouxe um novo estágio nas interpretações cabalísticas. Os acontecimentos decorrentes deste momento provocaram grande comoção entre os mais diversos setores, ocorrendo uma grande reviravolta emocional que transformou a forma e as condutas religiosas judaicas. Segundo Scholem (1995):

Os efeitos e consequências concretas do desastre de 1492 não se limitaram de modo algum aos judeus que viviam naquela época. Na verdade, o processo histórico desencadeado pela expulsão da Espanha requereu várias gerações – quase um século inteiro – para desdobrar completamente seus efeitos (p. 275).

Tais acontecimentos deram origem à chamada nova cabala, em detrimento da cabala antiga, que concentrava seus interesses na Criação, pois, “quem conhecesse a história do mundo e do homem podia eventualmente retornar à perfeição original” (ELIADE, 2011, p. 164). A nova cabala tinha como principal objetivo compreender a Redenção, como nos orienta Mircea Eliade (2011), citando Gershom Scholem:

Após a expulsão, *páthos*, do messianismo invade a nova cabala; o começo e o fim foram atados um ao outro. A catástrofe recebeu um valor redentor: ela significava as dores do parto da era messiânica. Desde então, a vida foi entendida como a existência no exílio, e o sofrimento do exílio foram explicados por certas teorias audaciosas sobre Deus e o homem (p.164).

A doutrina messiânica passou a ser o carro chefe da nova cabala, pois essa, “que era a preocupação anterior dos interessados em apologética, converteu-se por algum tempo no tema de uma propaganda agressiva” (SCHOLEM, 1995, p. 276).

D. Isaac Abravanel, judeu, estadista e filósofo da Corte de Dom Afonso V, de Portugal, ao se aprofundar nos estudos de cabala, escreveu sobre a vinda do Messias consolador. Buscaremos entender o pensamento de Abravanel sobre este fato, pautandose nas noções propostas por Benzion Netanyahu (1998), em seu livro *Don Isaac Abravanel: Statesman and Philosopher*.

Abravanel, em seus escritos de 1497, orientado pelo capítulo sétimo do livro de Daniel, pelos excertos de Rabi Eliezer, do século VIII, e também pelo *Talmudim*, dizia que a subjugação de Israel estava perto do fim.

O cabalista quando escreveu seu estudo, encontrava-se no exílio, em terras italianas, e concluiu que o sofrimento do povo hebreu duraria o tempo de quatro reinos. E estes reinos teriam a duração de um dia para Deus. Com base no Salmo 90, o pensador acreditava que um dia de Deus se consolida em mil anos para os mortais, contudo, “Isto se refere apenas a parte iluminada do dia, enquanto o dia todo de Deus compreende em um dia e uma noite, consiste então em cerca de dois mil anos” (NETANYAHU, 1998, p.225).

Segundo Abravanel, o sofrimento do povo de Israel começou em 3319, ano judaico, quando se deu a invasão do rei Nabucodonosor à Jerusalém. Segundo esta leitura bíblica, o rei mencionado representa o primeiro reino, o Babilônico, e acabará em 5319, ano judaico. No entanto, “existem divergências sobre o ‘dia’ que poderia ser encurtado em dois terços de uma hora, ou seja, 56 anos” (NETANYAHU, 1998, p.225). Sendo assim, a data da redenção é encurtada para o ano 5263 do calendário judaico, ou 1503 da era cristã.

Abravanel buscou em outras fontes comprovações para sua tese e encontrou no capítulo décimo primeiro do Talmude, onde está escrito que a alma de Adão fora colocada em seu corpo na quarta hora do sexto dia da criação. Segundo seus estudos, a alma posta em Adão representa o Messias

e o sexto dia, o sexto milênio. Nesta ideia, o Messias viria na quarta hora do sexto milênio, aqui uma hora equivale a 83 anos, por isso, a quarta hora do sexto milênio iria do ano 5250 do calendário judaico ou 1490 da era cristã até 5333 do calendário judaico ou 1573 da era cristã (NETANYAHU, 1998). O Messias poderia chegar a qualquer momento dentro desse espaço de tempo.

Convém lembrar que as crenças messiânicas e milenaristas não eram exclusivas dos judeus. Os cristãos ibéricos também professavam crenças apocalípticas que previam a universalização da fé cristã e o breve retorno de um Messias, de um “encoberto” (AZEVEDO, 1917; SARAIVA; 1969). Neste aspecto, Portugal se colocava como um importante Império ultramarino que dentre outras coisas, via-se como o reino escolhido por Deus para dizimar os infiéis e converter o mundo a verdadeira fé de Cristo Jesus. Para tanto, exigia a submissão dos povos aos seus desígnios e sobre a possibilidade de unificação do mundo sob a égide do cristianismo e domínio português, Luís Filipe Thomaz, citado por Jean Delumeau (1997), escreve sobre as pretensões do Rei Dom Manuel I:

Ele sonhava com uma espécie de império universal e messiânico, o derradeiro de Daniel, um “quinto império”, como aquele que profetizará o padre Antônio Vieira um século mais tarde, mais ou menos equivalente ao “reinado do espírito” anunciado no século XII pelo abade calabrês Joaquim de Fiore (p.177).

Assim, semelhante ao judaísmo, as perspectivas messiânicas cristãs estavam em expansão na Europa, em grande medida, devido à convulsão que o mundo viveu nos tempos posteriores a Peste Negra.

A chegada de um embaixador de origem judaica no reino de D. João III em 1525, somado aos ideais cabalistas presentes na comunidade judaica/cristã-nova lusitana colaboraram para o sentimento de que a redenção do povo de Israel estava próxima e o próprio embaixador seria o Messias profetizados nas escrituras sagradas.

David Reubeni, o embaixador em questão, mesmo negando sua origem redentora, reuniu diversos seguidores, que acabaram por voltar ao judaísmo proibido desde a conversão forçada em 1497 e anunciaram o reino do Messias.

No entanto, após a saída forçada do suposto Messias de Portugal, o movimento perdeu força e seus seguidores se dispersaram.

D. João III sabia da efervescência mística que seu reino vivenciara e dos perigos que isso poderia causar, por isso apressou a instauração de um tribunal que julgasse os desvios na conduta de fé de seus súditos. Obviamente esta análise carece de um aprofundamento, pois a instauração de um tribunal como o do Santo Ofício, tinha intensões que iam além de questões exclusivamente religiosa, mas econômica e política.

Outros movimentos místicos surgiram em Portugal neste mesmo período como o caso do sapateiro Gonçalo Annes de Trancoso. Bandarra como ficou conhecido o personagem em questão desenvolveu a partir de suas trovas a ideia polissêmica de um Encoberto, uma espécie de Messias que viria para salvar o reino de Portugal e estabelecer sua grandeza dentre as nações.

Alguns cristãos-novos acreditaram se tratar de profecias acerca do Messias, mas o próprio sapateiro em depoimento à Inquisição de Lisboa assegurara que se tratava de trovas dedicadas ao rei D. João III. Por fim, Bandarra escapara da sentença de morte, mas fora condenado ao silêncio. Mal sabia seus algozes que suas ideias seriam ressuscitadas pelo Padre Jesuíta Antonio Vieira no contexto da dissolução da União Ibérica, cerca de cem anos depois.

Diante do exposto, devemos levar em consideração que estudar as mentalidades a partir de uma doutrina teológica, a escatologia, nos possibilita fazer análises do cotidiano e seus reflexos no desenvolvimento e permanências nos campos político, econômico e social das regiões pesquisadas.

Em relação a Europa e principalmente a Portugal o movimento escatológico que permeava a população judaica e cristã fora fruto das condições não favoráveis que vivia o povo. Tanto no âmbito, político, econômico e social a populações judaica e cristã interpretou a situação como sinais dos tempos derradeiros. Essa visão não torna as profecias escatológicas, nem mesmo a fé como algo que deva ser menosprezado, a reflexão das contingências apenas demonstram de que forma as representações sobre o fim dos tempos estão diretamente relacionadas ao momento histórico vivenciado.

Referências

AZEVEDO, L. A. **Evolução do Sebastianismo**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. 6ªEd. São Paulo: Paulus, 2002.

DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente - 1300-1800**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

_____. **Mil anos de felicidade: uma história do paraíso**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

DIAS, G. C. Estabelecimento de Judeus no Território Português. In: MUCZNIK, L. L.; TAVIM, J. A. R. S; MUCZNIK, E; MEA, E. A. (ORG). **Dicionário do Judaísmo Português**. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

ELIADE, M. **História das crenças e das ideias religiosas, volume III: de Maomé à Idade das Reformas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FRANCO JÚNIOR, H. & ANDRADE FILHO, R. O. **Atlas de História Geral**. São Paulo: Scipione, 1993.

GONÇALVES, J. H. R. Natureza e Formas Institucionais do Império Otomano. In. TEIXEIRA DA SILVA, F. C; CABRAL, R; MUNHOZ, S (ORG). **Impérios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

KAYSERLING, M. **História dos judeus em Portugal**. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MAINKA, P. J. A luta europeia entre as dinastias dos Habsburgos e dos Valois pela Borgonha e Itália. In: MAINKA, P. J (ORG). **A Caminho do Mundo Moderno: Concepções clássicas da filosofia política no século XVI e o seu contexto histórico**. Maringá: Eduem, 2009.

NETANYAHU, B. **Don Isaac Abravanel. Statesman and Philosopher**. 50ª Ed. New York: Cornell University Press, 1998.

NOVINSKY, A. Anti-semitismo em Portugal e no Brasil. In. LEWIN, H; KUPERMAN, D. **Judaísmo: Memória e Identidade**. Vol 11. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 1997.

_____. Sebastianismo, Vieira e o Messianismo Judaico. In: IANNONE C. A; GOBBI, M. Z; JUNQUEIRA, R. S. (ORG). **Sobre as Naus da Iniciação. Estudos Portugueses de Literatura e História. São Paulo: Ed.UNESP, 1998.**

OLIVEIRA MARQUES, A. H. **Breve História de Portugal.** 7ª Ed. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

SARAIVA, A. J. **Inquisição e Cristãos-Novos.** Lisboa: Editorial Nova Limitada, 1969.

SCHOLEM, G. **As grandes correntes da mística judaica.** 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

VAINFAS, R; FARIA, S. C; FERREIRA, J; SANTOS, G. **História. Das sociedades sem Estado às monarquias absolutistas.** São Paulo: Editora Saraiva, 2010.

VAINFAS, R. & HERMANN, J. Judeus e Conversos na Ibéria no século XV: sefardismo, heresia e messianismo. In: GRINBERG, K. **Os Judeus no Brasil. Inquisição, imigração e identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.